



RETRATO DE MAHMUD 2.º

HISTORIA CONTEMPORANEA.

O Sultão Mahmud 2.º

ENTRE os homens extraordinarios, que tem representado na scena dos negocios politicos da Europa, durante o seculo actual, deve ser contado, com distincta menção, o fallecido monarcha do imperio ottomano. O retrato, que delle appresentámos, goza do credito de muito parecido, tendo sido copiado, em Inglaterra, d'uma miniatura, com que o proprio sultão brindára ao Sr. Theophilo Lee.

Mahmud 2.º foi o 30.º soberano da familia de Osman, e o 24.º que reinou em Constantinopola depois da conquista desta cidade em 1453: nasceu no anno da Hegira (1) 1163, aos 14 do Ramazan 1199 da era ottomana; isto é, a 20 de Julho de 1785, segundo o computo do calendario christão. Foi filho do sultão, Abdul-Hamid, e sua mãe era franceza de origem; esta cultivou-lhe a intelligencia em tenros annos, muito mais que de ordinario se pratica dentro dos muros do serralho: e talvez que a esta circumstancia deva o sultão toda a sua gloria. Achava-se na infancia, quando seu pai morreu; subindo então ao throno seu primo Selim, porque a ordem da successão na Turquia não era como a das monarchias europeas, de pai a filho mais velho, mas, por morte ou deposição de qualquer sultão, era cha-

mado ao throno o principe mais velho da raça, fosse irmão, primo ou filho. Por tanto a vida e sorte de Mahmud, segundo o barbaro regimen da dynastia, estavam nas mãos de Selim: mas este homem foi benigno para com elle e tanto que sendo deposto, dahi a poucos annos, e mettido em prisão, tomou por consolação de seu ruim fado ensinar o que sabia a Mahmud, que por alguns mezes foi seu socio no captiveiro. Tinha empunhado o sceptro Mustaphá 4.º, que mandou assassinar seu primo Selim, por um vil escravo, e que outro tanto faria a seu irmão Mahmud, se este não fugisse, tendo-se escondido debaixo d'um monte de alcatifas: o fugitivo começou a empregar todos os meios para vingar a morte de seu tutor e bemfeitor, e assentar-se no solio de Constantinopola: com effeito, mediante uma dessas mudanças tão frequentes na Turquia, poz a corôa na cabeça aos 11 de Agosto de 1808, e dahi a poucos mezes, para se manter na soberania, decretou o assassinio de Mustaphá, como este mandára executar o de Selim. Os fraticidios são tão communs na familia imperial musulmana que o povo os considera como actos de politica. — No dia da exaltação de Mahmud 33 cabeças appareceram expostas na porta do serralho, e eram as dos principaes conjurados para a morte de Selim.

Porem estas tragedias domesticas nada foram, comparadas com os horrores que por tres dias flagellaram Constantinopola, por occasião dos tumultos na queda e morte do oppressor grão-vizir: aconteci-

(1) A fuga de Mafoma de Méca para Medina, que os musulmanos adoptaram por era.

mento espantoso no principio do reinado de Mahmud. A cidade foi theatro da terrivel guerra civil; a matança era indistincta; a soldadesca não poupava mulheres nem creanças; por toda a parte casas a arder, tiros disparados das janellas, pedras e azeite fervendo arremegado sobre a tropa, o ruído de edificios que desabavam, o estrondo das pelejas travadas nas ruas e praças, faziam medonho espectaculo. Ninguém curava d'obstar á conflagração, e em breve o bairro mais populoso se convertêra n'um agitado mar de fogo: nem os clamores dos anciãos, dos meninos e mulheres, excitavam piedade em meio da violencia das refregas e da geral confusão. O grão-vizir Bairactar promovêra a rebellião, e della foi victima com seus cúmplices e amigos. Accusam alguns o sultão de cruel nestas lastimosas circumstancias, mas parece que o fôra por necessidade e não por genio, e que não estivera em sua mão suspender a torrente dos successos. Seguiu-se a guerra com a Russia: as armas do czar expelliram os turcos para alem do Danubio; o grão-vizir viu-se constrangido a passar as serras de Balkan, tomando posição em Adrianopoli, sem outros meios de interceptar a marcha do inimigo contra a capital, senão a guarnição de Shumla, e algumas tropas irregulares e desalentadas: em tão critico apuro, o sultão, ainda mancebo, desenrolou o estandarte do propheta, á roda do qual, nos grandes perigos, se apinham os musulmanos decididos a affrontar a morte: 200:000 combatentes se aprestaram logo; foi nomeado novo vizir, que era participante da energia de seu amo; e os russianos, em vez de atravessarem o Balkan, como se esperava, foram compellidos a passar de novo o Danubio; sendo o resultado a paz de 1812. Tranquillo ficou o imperio turco, até que rebentou o levantamento da Grecia, que poz em movimento a actividade do sultão. Nesse meio tempo não contemporisava Mahmud, como seus predecessores haviam feito, com os bachás rebellados ou os corpos amotinados; pelo contrario os derribava, uns apoz outros, até que nenhuns ficassem com sombra de poder, excepto Ali, pachá de Janina, e o do Egypto, Mehemet Ali; e estes mesmos obrigados a serem regulares no pagamento dos tributos, e nos testemunhos de respeito e submissão. — Mahmud tinha adquirido o character de homem de grande actividade d'espírito, e de tempera inflexivel; governava por si e não por seus ministros; frequentava as ruas de noite, vestido ao disfarce, como o calipha, Harum Al-Raschid, entrando nos botequins, entremetendo-se com gente de todas as classes, e ouvindo-lhes os discursos e pareceres; e posto que algumas pessoas reconheciam o imperial espia, não ousavam descobri-lo.

Desde a revolta de Bairactar, Mahmud, logo ao subir ao throno, creou grande odio ao inquieto e abominavel corpo dos janisaros, que seus antecessores infructuosamente intentaram abater: o mau procedimento desta milicia perigosa e turbulenta pôde ver-se a pag. 127 do 3.^o vol., pela pintura que della faz um escriptor turco. Abstemo-nos de narrar a sua destruição, em 1826, quando o sultão aproveitando-se da sedição, por elles promovida, lhes vibrou o ultimo golpe; porquanto deixámos descripto esse facto a pag. 397 do vol. 2.^o — Alcançado o triumpho e debellados os janisaros, Mahmud mudou inteiramente de vida: fardou-se como official europeu, e começou a instruir pessoalmente as tropas nas evoluções e manejos militares, porque se persuadiu que só com a organização de um exercito regular podia levar a cabo os seus projectos.

O desmembramento, que soffreu o imperio pela se-

paração da Grecia e quasi independencia do Egypto, é notorio; e longa historia seria precisa para relatar os varios successos da lucta pertinaz e sangui-nolenta, que pôde dizer-se foi decidida em Navarino (2) pela anniquilação da marinha turca, obtendo depois a Grecia em 1829 um governo seu, pela intervenção das grandes potencias alliadas. — O pachá do Egypto governa o seu paiz segundo as formulas e ordenanças que estabeleceu, e teria regeitado toda a sombra de obediencia á sublime Porta, se não fôra a poderosa influencia estrangeira, que acode com mão armada pela parte do imperio do turbante, como ha pouco se viu na questão da Syria. Mehemet-Ali é tambem reformador, mas as alterações que introduz nos seus dominios parecem mais completas e efficazes que as de Mahmud na Turquia. No seculo 18.^o os russianos sopeavam de algum modo com a força material o poder ottomano; e em nossos dias a mesma nação abalou a influencia turca, quando em 1823, cruzou o Balkan com um exercito, que foi quasi bater ás portas de Constantinopola, e dictou as condições da paz ao sultão. Por isso a Turquia já não pôde ser considerada como potencia europea da primeira ordem.

Quando Mahmud entrou na estrada dos melhoramentos fez imprimir em Scutari um plano completo das novas reformas, com respostas a todas as objecções que rasoavelmente se lhe podiam pôr; e mandou distribuir exemplares pelas tropas. Tomou tambem providencias policiaes, sendo uma dellas exterminar a multidão de cães, que farejavam as ruas de Constantinopola, augmentando-se a ponto de causarem graves prejuizos. Aquartelou os soldados, mudou-lhes os uniformes, exercitando-os á moda europea. Em 1835, mandou estabelecer uma typographia e nomear editor para a primeira gazeta que se fez em Constantinopola, que sabiu impressa nas duas linguas, turca e franceza. Veja-se a este respeito o artigo inserto a pag. 186 do vol. 1.^o com o titulo "*O Sultão Redactor.*" Protegeu os christãos, de maneira que o seu espirito de tolerancia deu motivo de desconfiança aos turcos: em 1831 promulgou um firman para o reparo das igrejas da communhão grega. Aboliu o barbaro uso de mandar para a custodia das *Sete Torres* os embaixadores estrangeiros, nos casos de dissensão com as respectivas potencias; assim como acabou com o costume de exigir presentes dos embaixadores.

Outra revolução memoravel pôde elle effectuar, a mais repugnante ás opiniões geralmente recebidas pelos turcos: estes povos, segundo o espirito do seu alcorão, não toleravam a representação de vultos humanos, tanto assim que as suas mesquitas e palacios se adornam com pinturas de arabescos em ornatos, sem apparencia de figuras da nossa especie, e com outras que mostram animaes, flôres e fructos: mas o sultão mandou por vezes tirar o seu retrato: e, se nisto entrava a vangloria que sobrepujava a crença, não o sabemos nós; é crível que assim fosse e que ao mesmo tempo o predominasse o desejo de introduzir a cultura das artes nos seus estados: porque a nação a que presidia igualmente tinha horror á dissecação dos cadaveres, e Mahmud mandou imprimir em a sua typographia de Scutari [lado da Asia] um tratado de anatomia com estampas, e abriu uma eschola de medicina e chirurgia, podendo por este lado considerar-se como fautor das sciencias. Notaveis são as precauções, que tomou para evitar as molestias contagiosas, que tão frequentes vezes devastam os bellos paizes do levante: foi outra

(2) Batalha de Navarino a pag. 126 do 1.^o vol. deste Jornal.

contradição ao espirito dos turcos, que pelo fanatismo da sua crença só consideram virtude a resignação, e assentam que não devem os mortaes oppor-se com suas cautelas ao que Allah (*Deus*) determina. Adoptou a vaccina, estabeleceu quarentenas e lazaretos, commissões de saude e policia medica: e fez por occasião do flagello da cholera imprimir e distribuir milhares de folhetos que ensinavam precauções hygienicas e meios curativos. Todas estas reformas achavam grandissimos obstaculos, porque directamente combatiam as preocupações e ignorancia do povo; mas o sultão prudentemente se contentava de as emittir por escripto, diffundindo por este methodo os progressos da civilização, conservando por outro lado a quasi deificação de seus antepassados, apparecendo tão sómente ás tropas com franqueza, porque muito lhe cumpria conter a força physica do estado, tendo destruido a que anteriormente dominava tudo: não obstante isso no divan [conselho], composto de homens illustrados e vistos nas cousas da Europa, declarava elle o seu parecer sem reboço; fallando convencia, e não menos era d'esperar da vontade ferrea de um monarcha despotico, dotado de alguma intelligencia. O vigor com que soube reprimir as rebelliões; a promptidão com que fazia executar as suas determinações; e sobre tudo a popularidade, que adquiriu, visitando muitas provincias do imperio e administrando pessoalmente justiça, contribuíram para enfrear o animo sedicioso dos oppostos ás reformas, e para lhe grangear a boa vontade do povo, que apesar de seus preconceitos começou a ter em conta as commodidades, e maiores vantagens de individual liberdade, de que gosava. — No giro que fez em 1831 por Gallipoli, os Dardanellos e Adrianopoli, distribuiu dinheiro para a construcção de escolas, para reparo d'hospitaes &c.; e ao voltar, affligido-se com o lastimoso estado da Thracia na penuria em que a viu, mandou que a gente do campo fosse para outros districtos empregar-se na colheita das searas, em quanto se lhe reedificavam os casaes e choupanas que habitavam. Em toda esta viagem distinguuiu-se por actos de beneficencia, cuja relação se encontrará na obra do Dr. Walsh, vol. 2.^o pag. 315 e seguintes.

Mahmud morreu no 1.^o de Julho de 1839. Succedeu-lhe seu filho primogenito, Abdul-Medjid, que hoje conta 18 annos de idade. —

MARTYRIOS DO ASSUCAR.

O SEGUINTE extracto é o cap. 12.^o da obra *Cultura e opulencia do Brasil*, de que a pag. 203 deste volume demos resumida noticia; escolhemos esta passagem por ser de estylo desenfastiado, sendo certo que é agradável a linguagem e corrente a phrase nos logares, em que o A. trata assumptos graves e ensina methodos uteis relativamente ás producções do sólo brasiliense.

Cap.^o 12.^o — *Do que padece o assucar desde o seu nascimento da cana até sahir do Brasil.*

É reparo singular dos que contemplam as cousas naturaes, ver que as que são de maior proveito ao genero humano não se reduzem á sua perfeição sem passarem primeiro por notaveis apertos: e isto se vê bem na Europa no panno de linho, no pão, no azeite e no vinho, fructos da terra tão necessarios; enterrados, arrastados, pizados, espremidos, e moídos antes de chegarem a ser perfeitamente o que são.

E nós muito mais o vemos na fabrica do assucar, o qual desde o primeiro instante de se plantar, até chegar ás mezas, e passar entre os dentes a sepultar-se no estomago dos que o comem, leva uma vida cheia de taes e tantos martyrios, que os que inventaram os tyrannos lhes não ganham vantagem. Porque se a terra, obedecendo ao imperio do Creador, deu liberalmente canna, para regalar com a sua doçura aos paladares dos homens; estes, desejosos de multiplicar em si deleites e gostos, inventaram contra a mesma canna, com seus artificios, maãs de cem instrumentos, para lhe multiplicarem tormentos e penas.

Por isso primeiramente fazem em pedaços as que plantam, e as sepultam assim cortadas na terra. Mas ellas, tornando logo quasi milagrosamente a resuscitar, que não padecem dos que as vêem sahir com novo alento, e vigor? Já abocanhadas de varios animaes; já pizadas das bestas, já derrubadas do vento; e emfim descabeçadas e cortadas com fouces. Sahe do canaveal amarradas: e oh quantas vezes antes de sahirem dahi, são vendidas! Levam-se assim presas, ou nos carros, ou nos barcos á vista das outras, filhas da mesma terra, como os réus que vão algemados para a cadeia, ou para o logar do supplicio padecendo em si confusão, e dando a muitos terror. Chegadas á moenda, com que força e aperto, postas entre os eixos, são obrigadas a dar quanto tem de substancia? Com que desprezo se lançam seus corpos esmagados, e despedaçados ao mar? Com que impiedade se queimam sem compaixão no bagaço? Arrasta-se pelas bicas quanto humor sahio de suas veias, e quanta substancia tinham nos ossos: trateasse, e suspende-se na guinda: vai a ferver nas caldeiras, borrifado [para maior pena] dos negros com decoada: feito quasi lama no cocho, para fartar ás bestas e aos porcos: sahe do parol escumando, e se lhe imputa a bebedice dos burrachos. Quantas vezes o vão virando, e agitando com escumadeiras medonhas? Quantas, depois de passado por assadores, o batem com batedeiras, experimentando elle de taxa em taxa o fogo mais vehemente; ás vezes quasi queimado; e ás vezes desafogueado algum tanto, só para que chegue a padecer mais tormentos? Crescem as bateduras nas temperas: multiplica-se a agitação com as spatulas: deixa-se esfriar como morto nas fórmas: leva-se para a casa de purgar sem terem contra elle um minimo indicio de crime; e mella chora furado, e ferido a sua tão malograda doçura. Aqui dão-lhe com barro na cara; e para maior ludibrio, até as escravas lhe botam sobre o barro sujo as lavagens. Correm suas lagrimas, por tantos rios, quantas são as bicas, que as recebem: e tantas são ellas, que bastam para encher tanques profundos. Oh crueldade nunca vista! As mesmas lagrimas do innocente se põem a ferver, e a bater de novo nos taxos: as mesmas lagrimas se estillam á força do fogo em lambique: e quando mais chora sua sorte, então tornam a dar-lhe na cara com barro, e tornam as escravas a lançar-lhe em rosto as lavagens. Sahe desta sorte do purgatorio, e do carcere, tão alvo, como innocente; e sobre um baixo balcão se entrega a outras mulheres, para que lhes cortem os pés com facões: e estas não contentes de lhos cortarem, em companhia de outras escravas, armadas de toletes, folgam de lhes fazer os mesmos pés em migalhas. Dahi passa ao ultimo theatro de seus tormentos, que é outro balcão maior e mais alto; aonde exposto a quem o queira maltratar, experimenta o furor de toda a gente sentida, e enfadada do muito que trabalhou andando atraz d'elle: e por isso partido com quebradores, cortado com facões, des-

pedaçado com toletes, arrastado com rodos, pisado dos pés dos negros sem compaixão, farta a crueldade de tantos algozes, quantos são os que querem subir ao balcão. Examina-se por remate na balança do maior rigor o que pesa, depois de feito em migalhas: mas os seus tormentos gravissimos, assim como não tem conta, assim não ha quem possa bastantemente pondera-los, ou descreve-los. Cuidava eu, que depois de reduzido elle a este estado tão lastimoso o deixassem; mas vejo que, sepultado em uma caixa, não se fartam de o pizarem com pilões, nem de lhe darem na cara, já feita, com um páu. Pregam-no finalmente, e marcam com fogo ao sepulchro, em que jaz: e assim pregado, e sepultado, torna por muitas vezes a ser vendido, e revendido, preso, confiscado, e arrastado: se se livra das prisões do porto, não se livra das tormentas do mar, nem do degredo, com imposições, e tributos, tão seguro de ser comprado, e vendido entre christãos, como arriscado a ser levado para Argel entre mouros. E ainda assim, sempre doce, e vencedor de amarguras, vai a dar gosto ao paladar dos seus inimigos nos banquetes, saude nas mesinhas aos enfermos, e grandes lucros ao senhor do engenho, e aos lavradores, que o perseguiram, e aos mercadores que o compraram, e o levaram degradado, nos portos; e muito maiores emolumentos á fazenda real nas alfandegas.



ESTATUA DE JUPITER OLYMPICO.

O GRANDE mestre de lavrar estatuas em marfim foi o grego Phidias, nome que em discursos e poesias se encontra todas as vezes que os escriptores fazem alguma allusão a obras da bella arte da esculptura. A circumstancia, que o moveu a fabricar a famosa estatua de Jupiter olympico, foi a seguinte.

Phidias fizera uma estatua de Minerva, a pedido de Pericles, que a collocou no Parthenon d'Athenas: era de marfim e ouro, e medía 39 pés d'altura. Sahiu primoroso o trabalho, e grangeou a Phidias muitos inimigos, que o accusavam de haver esculpido no escudo da deusa a imagem d'elle e de seu patrono, Pericles, mas por tal fórma que se pertendessem apagar o retrato do auctor, por secretas molas a obra se desfazia em pedaços. Absurda era a accusação; mas a inveja é industriosa, e empregou taes ardis, que suscitou contra o esculptor a turbulenta plebe atheniense, e o desterraram. Expulso tão ingratamente da patria retirou-se a Elide, cidade celebre do Peloponeso, onde se faziam os jogos olympicos; e a vingança que tomou dos seus compatriotas, foi esculpir outra estatua ainda mais acabada e singular que a de Minerva: sahiu felizmente com seu intento, e a estatua de Jupiter olympico foi citada entre uma das sete maravilhas do antigo mundo. O povo de Elide reconheceu tanto este favor, e a fama que d'elle resultava para a sua cidade, que estabeleceram salario aos descendentes de Phidias, só com o encargo de limpar e conservar aquella obra magnifica, preciosa pela materia e ainda muito mais pela perfeição com que foi desempenhada. Narram os auctores que tinha 60 pés d'alto, sentado o vulto n'um throno que tambem era de ouro e marfim: segurando na direita a figura da victoria, e na esquerda o sceptro corôado por uma aguia, ave symbolica da primeira divindade do paganismo; como na gravura se representa:— os baixos relevos e ornatos eram de exquisito lavor.

Este colossal typo da idolatria continuou por seculos a ajudar as illusões da falsa religião; por quanto sabemos que reinando o imperador Antonino, no anno do Senhor de 160, a fama da estatua attrahia a Elide nuvens de adoradores, considerando-se como infelicidade o morrer alguém sem a ter visto: fanatismo semelhante ao dos turcos pela *Kaaba* ou casa de Méca. Acha-se noticia de existir ainda no anno 370 da nossa era.

IDA D'ELREI D. AFFONSO 6.^o PARA O CASTELLO DA ILHA TERCEIRA EM 1669.

ESTEVE elrei D. Affonso 6.^o alguns tempos fechado na sua camara: vendo o principe [D. Pedro] que a reclusão era apertada, e sabendo que elrei desejava ir para Villa-Viçosa, lhe mandou dizer que o castello da Ilha Terceira era bom sitio e sadio, onde S. M. podia fazer exercicio por ser largo o ambito do castello. Aceitou elrei com boa vontade a offerta. Estava nomeado o marquez das Minas, D. Francisco de Sousa, para embaixador da obediencia ao summo pontifice [Clemente 9.^o], e entendendo-se que elrei ia bem acompanhado, se communicou o negocio ao marquez, e se assentou que o acompanhasse até á ilha: aprestaram-se quatro navios para segurança da viagem; elegeu-se para ficar no castello da ilha com elrei, e lhe governar a casa, a Francisco de Brito Freire, que tinha servido com valor nas occasiões de guerra; aceitou este a commissão, agradecendo ao principe a confiança que faziam d'elle, pois lhe entregavam a pessoa d'elrei, da qual jurou homenagem nas mãos do principe. Deu-lh'a

Luiz Teixeira de Carvalho, official maior da secretaria, que ás vezes servia de secretario, foram testemunhas do auto, o duque de Cadaval, e D. Rodrigo de Menezes; era Francisco de Brito Freire, almirante da armada; e foi tambem escolhido para aquella occupação por ser pratico na navegação: e o fez visconde, e governador perpetuo da mesma Ilha Terceira, em 24 de Maio de 1669, e tambem conselheiro de guerra. Preparou-se a recamara d'elrei abundantemente, nomearam-se-lhe criados, e poz-se prompto quanto era necessario, cujo expediente se confiou do duque de Cadaval, e do marquez de Fronteira: embarcado tudo na vespera em que elrei havia de partir, sem se esperar aconteceu ir Francisco de Brito Freire á Cotovia ao noviciado dos padres jesuitas pedir-lhe lhe lançassem a roupeta da ordem; porem não o quiz acceitar o geral: sendo disto sabedor o regente, o mandou prender, privando-o dos postos, empregos, &c.: este accidente embarçou muito a execução do que se tinha determinado. Achava-se em Lisboa Manuel Nunes Leitão, mestre de campo de um terço da provincia do Minho, conheciam-o o marquez de Fronteira por ter sido seu sargento maior, quando fôra mestre de campo, e o duque por se haver com elle achado em algumas occasiões, e assentando ambos, que pelo seu valor e capacidade era digno daquelle emprego, e confiança, deram conta ao principe, que logo o chamou, e lhe disse que queria que fosse á Ilha Terceira acompanhar a elrei, e governar o castello, e toda a casa de S. M.: beijou Manuel Nunes Leitão a mão ao principe, e lhe disse que estava prompto para obedecer-lhe. Deu-lhe o principe a patente de sargento-mór de batalha, e consignaçaõ necessaria para os gastos daquelle emprego: e uma instrucção de como se havia de haver em tudo. Disposto isto, foi o marquez das Minas buscar a elrei D. Affonso 6.^o á sua camara; baixou com elle até o coche em que ambos foram até S. José de Riba-mar, onde estava prompto o bergantim que o havia levar a bordo; mudou-se instantaneamente o tempo, e vendo o marquez os mares levantados, recolheu-se elrei no convento de S. José, e avisou logo a S. A.: mandou logo S. A. ao duque partisse para S. José de Riba-mar, e conferindo com o marquez das Minas, resolvessem ambos o que melhor lhe parecesse naquelle caso. Chegou o duque a S. José, conferiu com o marquez, e ambos concordaram, que se ao amanhecer desse o tempo logar levassem elrei a bordo. Pellas 3 horas da madrugada principiou o tempo a abrandar, e ao amanhecer foi elrei para bordo, e largando logo os navios as velas, sahiram pela barra fóra, sem haver salva, porque assim os navios como as torres tinham ordem para não salvarem: feito isto veio o duque dar conta a S. A. da resolução que tomaram. Chegou elrei depressa á ilha, porque sempre teve ventos prosperos, levou o marquez ordem para que elrei desembarcasse de noite, e entrasse para o castello sem o saberem os moradores da ilha; assim o fez o marquez, e logo seguiu sua viagem para Roma.

Volta elrei D. Affonso 6.^o da Ilha Terceira e vai para o palacio de Cintra em 1674.

Não esteve elrei muito tempo na ilha, porque a maldade dos homens o fez mudar daquelle sitio, forjando contra o principe [D. Pedro] uma traição, que perdia o reino se não se atalhasse. Estava o conde de Humanes por embaixador de Castella em Lisboa, e vendo que a liberdade d'elrei podia ser caminho para pôr o reino em sedição, assentou com

Francisco de Mendonça ir um navio de Castella áquella ilha, matar Manuel Nunes Leitão, e embarcar elrei, para o conduzirem a Hespanha, buscando por pretexto casa-lo com a rainha viuva daquelles reinos, persuadindo-o ser aquelle o meio de restituir-se a Portugal, e commover os povos a uma sublevação. Tinha um ilheu aceitado a commissão e execução da empreza, e já o embaixador tinha aggregado ao seu partido algumas pessoas. Descubriu-se esta traição, prendeu-se o commissario, e confessou no tormento o facto e projecto expendido; prenderam-se os conjurados, fugiu Francisco de Mendonça para Castella, e Jeronimo de Mendonça se escondeu no reino. Os presos que tinham commendas, ou eram cavalheiros, foram relaxados pela Mesa da Consciencia, e ordens, e outros julgados pelas justigas seculares, e todos condemnados á morte, cuja sentença se executou na Praça do Rocio de Lisboa, menos Antonio de Cavide, que não foi relaxado pela Mesa da Consciencia. Entrou-se em consideração do procedimento que se havia de ter com o embaixador: diziam uns que quem não guardava a fé publica commettendo traições, justamente se lhe não devia immuniade, outros vendo que o reino estava cançado com uma larga guerra, lhes parecia, que para evitar outra, bastava que S. A. se queixasse a Castella do seu embaixador: este segundo voto foi o que se seguiu. Antes de descuberta a conjuração, veio com licença de S. A. um moço da guarda-roupa, que na ilha servia a elrei, e sendo nomeado em seu logar Francisco de Conteiros, o souberam os conjurados comprar antes de partir, para communicar a elrei o designio; e o executou; não se prendeu, porque logo que participou a elrei a noticia, se embarcou para Inglaterra em um navio inglez, para communicar por aquelle reino o intento á rainha de Castella. Ultimamente prendeu-se Jeronimo de Mendonça, e no dia que havia de morrer, como traidor, lhe perdoou o principe a vida, e por um decreto a foi acabar em uma fortaleza na India. Tratou S. A. de tirar logo elrei D. Affonso 6.^o da ilha, aprestou-se a armada que costumava correr a costa, e deu ordem ao general della, Pedro Jacques de Magalhães, fizesse um bordo sobre aquella ilha; e outra a Manuel Nunes Leitão para que embarcasse elrei, e viesse a nau dar fundo a Paço de Arcos: assim se executou, e tanto que a nau deu fundo, avisou Pedro Jacques a S. A., que logo mandou a Francisco Correa, seu secretario d'estado, Roque Monteiro, e José da Fonseca, para que dispozessem o desembarque d'elrei. Disse S. A. a Francisco Correa avisasse o duque de Cadaval para assistir ao desembarque; fez a pressa esquecer este aviso, e vindo o duque visitar S. A. á côrte real, lhe disse o principe: — «Que é isto! Estais aqui?» — Respondeu-lhe o duque que não o havia mandado estar em outra parte: enfadado S. A. de que lhe faltasse o aviso o fez partir logo. Chegou o duque a Paço de Arcos, onde estava Manuel de Saldanha, moço da guarda-roupa de S. A., com ordem para receber o fato e carruagens, para o remetter a Cintra. E perguntando-lhe o duque em que estado estava a condução do que trazia a seu cargo, lhe respondeu que fôra um barco ao navio, e que havia muito tempo que lá estava sem vir para terra; fez o duque signal ao navio, que logo mandou a chalupa a terra, nella vinha José da Fonseca, e disse ao duque que Pedro Jacques estava desconfiado de que o secretario lhe não dissesse nada da parte de S. A., e se fôra deitar no beliche; que elrei estava irado com Manuel Nunes, e com uma espada na mão para o matar, e por esta causa fechado na camara.

Foi o duque na chalupa ao navio, veio o general, Pedro Jacques de Magalhães, busca-lo ao portaló, e tanto que chegou acima lhe disse que S. A. o mandava alli agradecer-lhe o grande acerto com que se tinha havido na viagem, e que esperava vê-lo para lhe fazer a mesma expressão. E disse que, não obstante estar elrei irado, lhe abrissem a porta da camara, porque queria nella entrar, assim o executou, porque aberta a porta entrou na camara, e foi beijar a mão a elrei, que o abraçou e lhe chamou seu amigo fixo, palavra de que elrei costumava usar. O duque lhe disse então: — « Senhor, venho livrar a V. M. de um grande perigo, porque este navio vai-se a pique, saiamos delle de pressa, porque perder-se o navio importa pouco, e muito que a vida de V. M. não perigue. » — Elle se sobresaltou, e disse — « vamo-nos de pressa » — e pegando pela mão ao duque, sahiu para o convez, ao collo de dois marinheiros veio para a chalupa: o duque se embarcou com elle, e em terra o metheu na liteira, e querendo o duque montar a cavallo, não o quiz elrei consentir, e o fez entrar para a mesma liteira, onde foi para Cintra. No caminho perguntou elrei ao duque pelos seus pertencentes: o duque respondeu-lhe, que vendo o povo alterado, lhes causára tal horror, que desappareceram com o medo: disse-lhe elrei, que o marquez das Minas o enganára, pois lhe dissera que andavam embarcados; que o principe lhe faltára em lhe mandar para a ilha os musicos, que lhe mandára pedir, e os cavallos. Perguntou-lhe por Henrique Henriques de Miranda, dizendo-lhe que aquelle fora filho; e leva-se o diabo ao conde de Castello-Melhor que o tinha botado a perder. O duque lhe dava as respostas que as perguntas mereciam. Chegou pela meia noite ao palacio de Cintra, conservando sempre animo de matar a Manuel Nunes Leitão se lhe apparecesse: por aquietar elrei disse o duque a Manuel Nunes, que não lhe apparecesse, elle o fez com grande prudencia, governando a casa d'elrei, a que nada faltava, por ser dotado de capacidade grande. Recolheu-se o duque, Francisco Correa, Roque Monteiro Paim, e Pedro Jacques a Lisboa, que todos tinham ido a Cintra: e a Pedro Jacques se mostrou S. A. agradecido por desempenhar a palavra do duque. Marcharam logo para Cintra 300 infantes, commandados pelo sargento-mór, Paulo Caetano, filho de Manuel Nunes Leitão, para entrarem de guarda a elrei, e uma companhia de cavallos: esta todos os mezes se mudava. E tinha S. A. todo o cuidado em que a elrei D. Affonso 6.^o não faltasse cousa alguma do que lhe era necessario para a sua commodidade e regalo, cuja assistencia e trato muitas vezes mandou averiguar pelo duque de Cadaval, que tambem para sua assistencia, e fazer este exame, tinha quarto prompto no mesmo palacio de Cintra. — (*Extrahido da Catastrophe de Portugal: em que se trata do nascimento, vida e morte do Sr. D. Affonso 6.^o rei de Portugal, pag. 150 até 172. Manuscripto.*)

EXPEDIÇÃO NOCTURNA.

SIMILHANTE á omnipotencia creadôra o talento dá a existencia ao nada, e fertiliza os assumptos mais aridos e estereis. Quantas vezes d'uma idéa simples em que parece impossivel achar-se um germen de belleza, um principio de interesse, teem sahido creações brilhantes, cheias de todas as graças que podem captivar o espirito, de todos os sentimentos capazes de interessar e commover o coração? Ao toque do talento tudo se torna fecundo. — Entre os escriptores,

que tiraram grande partido de assumptos insignificantes, merece um distincto logar o conde Xavier de Maistre, pela originalidade das lembranças, pela solidez de pensamentos moraes, pela graça e agudeza de suas observações, e pela agradável e natural concisão de estylo. O conde Xavier faz uma viagem, que todos teem feito, e que ninguem ainda escrevêra. É uma viagem em volta do seu quarto. — Um quadro, um livro, a sua poltrona, o mais pequeno incidente que se lhe offerece; emfim tudo o que alli ha, ou lhe vem á memoria, é para elle um thema de engraçadas e ás vezes profundas reflexões. — A viagem de De Maistre val pela narração do mais curioso viajante em paiz de raridades. — De Maistre faz parte da sua viagem de dia, e outra parte de noite. — Para dar-mos a nossos leitores uma idéa deste singular escriptor transcrevemos da *Expedição nocturna*, ou Viagem de noite, o seguinte trecho composto d'alguns pequenos capitulos.

*

Havia um quarto d'hora que eu estava na cama, e, contra o meu costume, não dormia ainda. Á idéa da minha epistola dedicatoria tinham succedido as reflexões mais tristes; a luz quasi extincta dava um clarão inconstante e lugubre no fundo da urna, e o meu quarto tinha a apparencia d'um tumulto. Um vento subito e impetuoso abriu de repente a janella, apagou a lamparina, fechou a porta com violencia; a negra côr de meus pensamentos augmentou com a obscuridade. Todos os meus prazeres passados, todas as minhas penas presentes me cabiram ao mesmo tempo no coração, e o encheram de saudade e de amargura.

A despeito dos continuos esforços que faço para esquecer meus pesares e afasta-los do pensamento, acontece-me algumas vezes, quando menos o espero, entrarem elles todos de tropel na minha memoria como se lhe tivessem aberto uma comporta. Não me resta outro partido que tomar senão entregar-me á torrente que me arrasta, e minhas idéas se tornam tão escuras, e todos os objectos me parecem tão lugubres, que acabo ordinariamente a rir da minha loucura, de sorte que o remedio se acha na violencia do mesmo mal. Eu estava ainda em toda a força de uma d'estas crises melancolicas, quando um resto do sopro do vento que tinha aberto a minha janella e fechado a porta, depois de ter feito diferentes giros no quarto, folheado livros, e lançado uma folha volante da mesma Viagem no chão, penetrou finalmente por entre as cortinas do meu leito e veio expirar na minha face. — Sentí a doce frescura da noite, e, olhando isto como um convite da sua parte, levantei-me promptamente e fui para a minha varanda gozar do espectáculo da natureza. O tempo estava sereno, a via lactea, como uma nuvem ligeira, dividia o céu; uma luz suave partia de cada estrella para chegar até mim, e quando eu examinava uma attentamente, suas companheiras pareciam scintillar com mais vivacidade para attrahir os meus olhos. É um encanto sempre novo para mim contemplar o céu estrellado, e não tenho que arrepende-me de ter feito uma unica viagem, nem um simples passeio nocturno, sem pagar o tributo de admiração que devo ás maravilhas do firmamento. Ainda que sinto toda a fraqueza do meu entendimento n'estas altas bellezas, acho um prazer inexplicavel em contempla-las. Apraz-me pensar que não é o acaso que trouxe até aos meus olhos essa emanção dos mundos distantes, e cada estrella derrama com sua luz um raio de esperanza no meu coração. Que!

não terão estas maravilhas outra relação comigo se não brilhar aos meus olhos; e o meu pensamento que se eleva até ellas, o meu coração que se commove ao seu aspecto, ser-lhes-hão estranhos? Espectador ephemero d'um espectáculo eterno, o homem levanta os olhos para o céu, e fexa-os para sempre; porem n'este instante rapido que lhe é concedido, de todos os pontos do mesmo céu, desde os limites do Universo, um raio consolador parte de cada mundo, e vem ferir suas vistas, para lhe anunciar, que existe uma relação entre elle e a immensidade, e que elle está associado á eternidade!

Um sentimento importuno perturbava entretanto o prazer que eu sentia, entregando-me a estas meditações. Quão poucas pessoas, dizia eu, gozam agora comigo do espectáculo sublime que o céu apresenta inutilmente aos homens entregues ao somno!—Ainda podem ter desculpa os que dormem; mas o que custaria aos que passeiam, aos que sahem em chusma do theatro, olhar um instante, admirar as brilhantes constellações, que resplandecem de todos os lados sobre a sua cabeça? Não: os espectadores attentos d'um drama insípido não se dignam levantar os olhos, e entram em casa sem se lembrarem que existe o céu! Que extravagancia! por que é possível vê-lo muitas vezes, e de graça, não o querem vêr! Se o firmamento estivesse sempre cuberto para nós com um denso véu, e se o espectáculo, que elle nos offerece, dependesse d'um empresario, os primeiros camarotes sobre os telhados seriam de alto preço, e as damas disputariam uma fresta da minha trapeira.—Se eu fosse soberano d'um paiz, dizia eu, possuido de uma justa indignação, faria todas as noites correr o sino, e obrigaria os meus subditos de toda a idade, de todo o sexo e condição, a chegar á janella, e contemplar as estrellas.—Aqui a razão, que no meu reino tem apenas um direito contestado de advertencia, foi mais feliz que de ordinario nas representações que me fez sobre o edicto irreflectido, que eu queria proclamar nos meus estados.—«Senhor, me disse ella, não se dignaria V. M. fazer uma excepção a favor das noites chuvosas, pois que então está o céu nebulado e encuberto» —Muito bem; muito bem, lhe respondi eu, haverá uma excepção em favor das noites chuvosas.—«Senhor, acrescentou ella, penso que seria rasoavel exceptuar tambem as noites serenas, quando o frio é excessivo, e sopra um vento penetrante; porque a execução rigorosa do edicto encheria vossos felizes subditos de defluxos e catarros.»—Começava eu a vêr muitas difficuldades na execução do meu projecto, mas custava-me voltar atraz.—Nesse caso, respondi eu, seria necessario escrever ao conselho de medicina e á academia das sciencias para determinar o gráu do thermometro centigrado em que os meus subditos devessem ser exemptos de chegar á janella; porem quero e exijo absolutamente que a ordem seja executada com rigor.—«E os doentes, senhor?»—Isso entende-se; sejam exceptuados; a humanidade está primeiro que tudo.—«Se eu não temesse fatigar a V. M., no caso de julgar que era justo, e sem graves inconvenientes, ainda lhe observaria que ampliasse a excepção aos cegos; por que privados do órgão da vista. . . .»—Está bem; acabou-se—interrompi eu aborrecido.—«Perdão senhor, e os namorados? O coração sensível de V. M. poderia constrangê-los tambem a hir olhar para as estrellas?» Bem, disse o rei, ponhâmos isto de parte, e tornaremos a pensa-lo repousadamente; vós me dareis uma memoria circunstanciada a este respeito.—Meu Deus!—Meu Deus! quanto é necessa-

rio reflectir antes de fazer uma lei de grande importancia.

(Continúa).

NOTA D'ALGUNS ERROS DE UM TRATADO
DE GEOGRAPHIA, MODERNAMENTE
IMPRESSO EM PARIS.

POR maior que seja o esmero com que os auctores de qualquer obra de litteratura se empenham para que ella saia á luz com mais perfeição, acontece não poucas vezes serem illudidos seus desejos por confiarem em informações menos exactas, que não podem deixar de acreditar. O excellente Tratado de geographia universal, physica, historica e politica, redigido por uma sociedade de litteratos portuguezes, impresso em Paris no anno de 1838, offerece mais uma prova desta verdade. Trabalharam os dignos redactores desta obra para a levar ao maior apuro, mormente no que respeita a este reino, como asseveram na introdução, dizendo:—«Em quanto a Portugal fizemos todas as diligencias para que nada faltasse do que podia ser interessante, já vendo todos os escriptores que pudémos alcançar, já procurando informações de pessoas que julgámos nas circumstancias de no-las fornecerem, já emfim ajuntando a isto os conhecimentos pessoases que a nossa posição nos tinha feito adquirir.»—

Em consequencia desta assersão lisongeamo-nos de encontrar na obra corrigidos não poucos e graves erros, que ácerca do nosso paiz, e suas cousas, andam inseridos em outras de tal natureza, publicadas por estrangeiros pouco escrupulosos d'indagar com miudeza o que é alheio do seu. Infelizmente porem deparámos com algumas inexactidões nas poucas linhas relativas ao reino do Algarve, as quaes julgámos conveniente apontar a fim de acautelar os leitores, e prevenir os benemeritos redactores para procederem a novas indagações, e emendar d'algum modo os defeitos que involuntariamente escaparam. Directamente nos dirigiríamos a elles de muito boa vontade, se nos fosse conhecido o modo de o fazer; entretanto parece-nos que se conseguirá o fim fazendo publicar as nossas reflexões em um periodico acreditado.

Pag. 132.—Entre os principaes montes menciona-se no Algarve—*Monte Gordo*—com 2:100? pés d'altura sobre o nivel do mar.

Não existe no Algarve montanha alguma com este nome, o qual todavia se dá á famosa praia que demora na costa occidental da foz do Guadiana, na qual se faz abundantissima pesca de sardinha, e de que se falla a pag. 132 da mesma obra.

Pag. 136 nota x diz-se:—«O rio Portimão tambem nasce da serra de Monchique, é navegavel desde Silves até Villa-Nova de Portimão, e quasi na sua foz tem o porto de Ferragudo, que é onde embarca a maior parte do figo que do Algarve sahe para os paizes estrangeiros.»—

O rio de Portimão é um braço do mar que, entranhando-se na terra, chega pouco acima de Silves, recebendo até alli as ribeiras de Boina, d'Odelouca, d'Arade, e outras menos consideraveis; e nasce das serras de Monchique, Malhão, e outras mais pequenas. É navegavel desde Silves até á foz, que fica mais d'um oitavo de legua abaixo de Portimão, entre as fortalezas de St.^a Catharina e S. João. Demora pouco acima desta, dentro do rio, o porto de Ferragudo, aldea de pescadores, onde não embarca uma só arroba de figos, mas sim em Portimão e na Mexilhoeirinha, outra aldea a um quarto de legua

acima da villa na margem opposta do rio. Nestes dois portos é que embarca a maior parte do figo que se exporta do Algarve para os paizes estrangeiros. No anno de 1838 montou todo o que dalli foi exportado em 253:796 arrobas.

Dita pag. nota y. — Dá o nome de *Rio de Val Formoso* ao que banha a cidade de Faro.

Este rio é tambem um braço do mar que se entranha na terra, e que no paiz não tem nome particular, sendo conhecido e denominado simplesmente *Rio de Faro*. Na freguezia da Conceição corre no inverno um arroio pelo sitio de Val Formoso, mas com tão pouca agua que se passa a pé enxuto, e se mette na ribeira que vem á ponte de Loulé na entrada occidental de Faro. Não póde este arroio, por certo, dar o nome ao rio; comtudo encontra-se com elle em varias geographias, assim nacionaes como estrangeiras, que teem copiado umas das outras, como aconteceu no tratado de que fallámos, e no do Sr. D. José d'Urcullu, ultimamente publicado.

Dita pag. nota z diz: — «Que a foz do Guadiana é entre Ayamonte e Castro-Marim.» —

Diria melhor, e com mais exactidão, — «entre Ayamonte e Villa-Real» — que fica abaixo de Castro-Marim mais d'um quarto de legua; e concordava então com o que ao mesmo respeito se diz a pag. 183.

Na taboa topographica e estadística, a pag. 155, ha differenças muito consideraveis na população das povoações; ainda mesmo contando em algumas toda a da freguezia, e não só a da povoação a que se restringe conforme a explicação que se dá a pag. 149.

Na Corographia do reino do Algarve, impressa este anno na typographia da academia real das sciencias de Lisboa (*), se encontram mappas da população de todas as freguezias, que abrangem mais d'um seculo, desde 1732 até 1837, e a conta dos fogos de cada povoação no anno de 1839; compare-se a referida tabella de pag. 155 com estes mappas e conta, que são formados com o maior escrupulo á vista de documentos officiaes, e ver-se-ha que apenas as povoações de Olhão e Villa-Real concordam proxima-mente em o numero dos habitantes, differindo todas as outras de modo que em algumas quasi iguala o numero dos habitantes da povoação com o da freguezia toda; em outras ainda aquelle excede o desta como em Aljezur, á qual assigna 1700 quando toda a freguezia contava em 1837 só 730; sendo sobremaneira excessivo pelo que respeita a Cacela e Sagres, á primeira das quaes se dá mil habitantes, e tres mil á segunda, quando aquella apenas tem 12 fogos, e esta 5!!!

Na mesma taboa vem tambem notadas com signal d'assento em côrtes *Villa-Real de Santo Antonio e Lagôa*.

A primeira destas villas foi fundada em 1774, e a segunda elevada a esta cathegoria em 1773; e nos respectivos diplomas não se lhes dá assento em côrtes, que desde 1688 nunca mais se convocaram legitimamente pelos Tres-Estados. Os redactores não terão por taes as de D. Miguel, ás quaes com effeito concorreram procuradores destas villas.

A pag. 181 diz: — «Foi a conquista deste reino [Algarve] começada por D. Affonso 3.^o, que definitivamente o uniu a Portugal, juntando ás quinas portuguezas a orla dos sete castellos dourados em campo vermelho.» —

A conquista do Algarve foi começada por elrei D. Sancho 1.^o em 1189 com a empreza de Silves, que

(*) Esta obra (um vol. de 4.^o), recheada de interessantes e exactas noticias, foi escripta pelo A. do presente artigo.

Nota do R.

tomou ajudado pelos cruzados que passavam á Palestina, da qual cidade com alguns castellos ou povoações visinhas esteve de posse até 1191, quando o Miramolim passando á Hespanha se apoderou do que possuíamos no Algarve. Pelos annos de 1232 e seguintes instaurou elrei D. Sancho 2.^o de novo a conquista do Algarve, onde ajudado dos cavalleiros da ordem de S. Thiago, commandados pelo esforçado D. Paio Peres Corrêa, tomou Cacela, Tavira, Estombar, Alvor, Aljezur e outros castellos; vindo por ultimo D. Affonso 3.^o a concluir a conquista até ao anno de 1252 com pouca differença. Foi por então que este rei juntou ao escudo das armas do reino a orla, ou bordadura, dos castellos d'ouro em campo vermelho, os quaes não tiveram numero certo, pois em algumas partes se encontram ainda quinze, até que elrei D. João 2.^o os fixou em sete por occasião d'alguns defeitos ou erros que havia na arte da armaria, segundo diz Garcia de Resende, seu chronista.

A pag. 183 fallando de Sagres diz: — «Sagres, muito notavel na historia maritima de Portugal, por ser onde o grande infante D. Henrique estabeleceu a sua celebre academia em que floresceu Pedro Nunes.» —

O celebre mathematico Pedro Nunes nasceu muito depois da morte do infante D. Henrique: estudára elle philosophia e medicina na universidade de Lisboa, onde ensinou a primeira sciencia por tres annos, que findaram em 1533. Ambicioso de novas sciencias aprendeu as disciplinas mathematicas, em que sabiu consummado professor, sendo o primeiro mestre que dictou mathematica na universidade de Coimbra, de cuja cadeira se lhe passou provisão em 16 d'Outubro de 1544, jubilou a 4 de Fevereiro de 1562. Ignora-se o anno em que falleceu; Barbosa, Bibliotheca Lusitana, diz que fôra no de 1600; isto porem é tão incerto como a epocha do seu nascimento, e o logar em que jaz sepultado: é certo porem que não vivia em tempo do infante D. Henrique.

J. B. da S. L.

REGRA PARA QUEM QUIZER VIVER EM PAZ.

D. João Manuel, alcaide-mór da Santarem, e camareiro-mór d'elrei D. Manuel (1), escrevendo a Pedro Homem, estribeiro-mór do mesmo rei (2), lhe dá a seguinte regra.

Ouve, e calla,
E viverás vida folgada;
Tua porta cerrarás;
Teu visinho louvarás;
Quanto podes não farás;
Quanto sabes não dirás;
Quanto vês não julgarás;
Quanto ouves não crerás;
Se queres viver em paz.

(1) Sendo este duque de Beja, como consta da instituição d'uma capella, que fez no convento do Carmo de Lisboa, a 5 de Julho do anno de 1488, como constava do cartorio do dito convento, livro dos prazos, fol. 28: e sendo D. Manuel rei, como tambem consta das condições do tratado do matrimonio d'elrei com a princeza D. Isabel, viuva do principe D. Affonso, filho d'elrei D. João 2.^o, que concluiu no anno de 1497.

(2) Como referem diversas memorias: acompanhou a elrei D. Manuel, ainda duque nas justas, que se fizeram no casamento do principe D. Affonso, como diz Resende na chronica de D. João 2.^o fol. 82 vers., e a chronica d'elrei D. Manuel, parte 1.^a cap. 24. — A. C.